

Sobre a lógica do tratamento

Referência

Vieira, M. A. Sobre a lógica do tratamento. In Leituras do seminário ...ou pior de Jacques Lacan. 1ed. Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015.

[Capa e índice](#)

Apesar de particularmente atravessado pela matemática e pela filosofia, o décimo-nono ano do ensino oficial de Lacan introduz uma inquietação sobre os limites da função paterna, de impacto decisivo no modo como concebemos a direção do tratamento. Estamos ainda hoje explorando suas consequências.

A formalização lacaniana do teatro dos sexos a partir de Freud já havia demonstrado o quanto o drama edípico não apenas institui dois polos de normatização sexual com relação ao gozo do falo, masculino e feminino. Ele é ainda uma verdadeira máquina de negativização de nosso gozo. Afinal, nunca chegaremos aos pés do gozo do Pai, estaremos sempre aquém, sempre em um “menos de gozo”, ou numa busca pelo gozo, que chamamos desejo.

Isso posto, a partir da sistemática logificação das relações edípicas, desvela-se de modo cada vez mais claro o quanto a crença na exceção paterna nunca recobre totalmente nosso ser sexuado, o quanto não somos apenas seres de desejo, mas também nos habita um gozo impossível de negativar, excessivo, desregulado, fora da Lei paterna.

As fórmulas da sexuação, o *nãotodo*, as definições do necessário, do contingente e do impossível com relação ao real, dos gozos fálico e feminino, do amor e da letra e ainda tantas outras ferramentas de orientação para nossa clínica que têm nos servido desde a publicação do seminário *Mais, ainda* estão aqui, um ano antes, ainda em estado de construção, fazem parte de um grande canteiro de obras. Apresentam ainda a tabuleta “tinta fresca”. Evidencia-se, com muita nitidez, o quanto o papel da exceção como fundamento de um Todo consistente encontra sua glória, tanto na sustentação da partilha sexual, como em seu ponto de fracasso,

expresso pelo fato de que os mais avizinados do polo feminino têm um excedente de ser não recoberto pelo gozo fálico. Esse excedente, gozo não negativado, é o *nãotodo* lacaniano; ele encontra expressão não apenas nesse caso, mas em experiências de devastação, em vivências místicas, psicóticas e, ainda, nos momentos conclusivos de uma análise.

Contudo, há uma especificidade própria deste seminário que não apenas a de canteiro de obras para o *nãotodo*. J. A. Miller, em seu curso *O ser e o Um*, já nos deu a chave. Levados por Lacan no *Seminário 20* ao plano do gozo como Outro, não recoberto pelo falo, nem sempre percebemos a porta por onde entramos e que, aqui, é evidente: a relação entre o gozo e o Um. Neste seminário ela é sintetizada, célebre fórmula *Há-um*.

Ela localiza como a presença do Outro, investigada em algumas análises até as raízes do ser, pode esvaziar-se a ponto de nos defrontarmos com a perda de sua capacidade de sustentar nossa própria unidade. Buscávamos Uma resposta, Uma origem, Um desejo original e nos deparamos com um material, primário certamente, grau zero do ser, mas fragmentário, feito de esparsos disparatados e bricolagens precárias. Com que orientação prosseguir a partir daí? Sem unidade alguma? Não estaríamos fadados a seguir o destino nefasto da metamorfose ambulante de Raul Seixas? Lacan responde: não, pois *há algo de Um*, de um Um que não é muito, que é meio barro, meio tijolo, mas que nada tem a ver com o sentido, que não é início nem fim de nada, não é suposto como o *ao-menos-Um* paterno, nem é bífido como o Um do espelho.

Ele é o Um de um gozo que se repete como uma perseverância em ser, sem ser isto ou aquilo. Reitera-se sem instaurar alguma repetição específica. Há como sustentar-se nesse Um que não é? Nesse Outro que não existe? Essa é a grande interrogação clínica trazida à luz por esse seminário. Lacan não nos garante uma resposta afirmativa, mas demonstra o quanto é preciso colocar-se a questão, já que este é o Um que encontramos quando estamos no avesso da crença no pai. Ele está na origem do *sinthoma* que construímos nessa situação para permitir uma vida pós-análise. Ele se encontra, porém, igualmente de maneira selvagem pelo mundo, sem o aparelhamento de um *sinthoma*, especialmente em tempos de ocaso da crença no Pai. Neste contexto, vemos o quanto é possível estabilizar esse excedente de gozo fora da lei e do desejo a ponto de dele fazer uma identidade. Basta que ele seja tomado como um modo de ser, um modo de gozo que nos registra em uma tribo específica com regras e protocolos de vida próprios. É a identificação rígida que sustenta as comunidades monossintomáticas: MADA; AA; Ana e mia etc. Neste caso, apenas gozando-se exatamente como todos os outros, pode-se fazer parte da comunidade em questão. Esta é, segundo Miller, a chave do *Um-dividualismo* contemporâneo.

Lacan revira céus e terras para chegar nesse seu *Há-um*, conduzindo-nos por uma extensa investigação matemática e filosófica sobre o Um; mas é bom lembrar: quando a vertigem do matema nos assola, que ele também se endereça, paralelamente a um público novo, reunido, excepcionalmente, em St Anne sob o tema “O saber do analista”, encontros que Miller decidiu publicar, em parte, justamente com o *Seminário 19*. Por isso, Lacan retoma vários elementos da base de seu ensino com definições magistrais de sua clínica. Deixo as quatro seguintes, que reconstitui parcialmente modificadas, para que se aquilate o alcance do texto:

Uma análise não costuma assegurar sucesso no amor, ela aborda o amor no que ele tem de estranheza, de sexual, pois o ato sexual afirma o lugar do real como impossível.

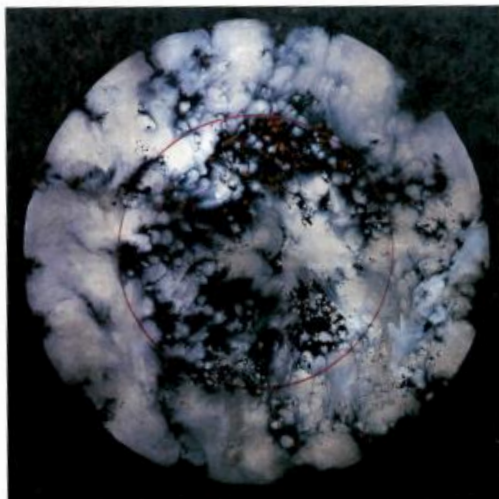
Se há uma possibilidade de o corpo aceder ao gozar de si mesmo é quando ele bate em alguma coisa, quando se machuca. É isso o gozo. A essência do sono é a suspensão da relação do corpo com o gozo (...). Só que o significante continua a saltitar durante esse tempo. É por isso que, mesmo quando estou dormindo, preparo meus seminários.

Na análise, assim como na lógica, não se deve nunca pular um significante, pois é na medida em que um significante não nos pára que compreendemos' (e a compreensão é nosso maior problema).

A psicanálise é o balizamento daquilo que se compreende como obscurecido por obra de um significante que marcou um ponto do corpo e que se obscureceu pela compreensão.

Glacy Gonzales Gorski e Maria Josefina Sota Fuentes (Orgs)

Leituras do Seminário
...ou pior
de Jacques Lacan



DIRETORIA DA EBP (abril 2013 - abril 2015)

Marcelo Veras - Diretor Geral
Maria Josefina Sota Fuentes - Diretora Secretária
Glacy Gorski - Diretora Tesoureira
Tânia Abreu - Diretora de Bibliotecas

CONSELHO DA EBP

Fátima Sarmiento
Fernando Coutinho
Glória Maran
Helôisa Prado R. da Silva Telles (Secretária)
Laila Fernanda Carrijo da Cunha (Presidente)
Marcela Antelo
Ram Mandil
Rosane da Fonte
Sérgio de Campos
Sílvia Emília Expósito

CONSELHO EDITORIAL

Marcelo Veras
Maria Josefina Sota Fuentes
Glacy Gorski
Tânia Abreu

ORGANIZADORES

Glacy Gonzales Gorski
Maria Josefina Sota Fuentes

IMAGEM DA CAPA:

Tomie Ohtake. Sem título, 1994 - Óleo sobre tela, 170 x 170 cm.
Foto: Arquivo Instituto Tomie Ohtake.

G674l Gorski, Glacy Gonzales
Leituras do Seminário ... ou pior de Jacques Lacan / Glacy Gonzales
Gorski, Maria Josefina Sota Fuentes. - 1. ed. - Salvador: Escola Brasileira
de Psicanálise, 2015.
176p.

Inclui referência
ISBN: 978-85-63003-23-2

1. Lacan, Jacques, 1901-1981. Crítica e interpretação. 2. Psicanálise -
Discursos, ensaios, conferências. 3. Psicanálise e literatura I. Fuentes,
Maria Josefina Sota. II. Título.

CDU: 159.964.2

Catálogo na publicação por: Ocella Silva Guimarães CRB-14071

ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
Rua Comendador Abreu Ferreira, 60 - Garcia
CEP: 40100-360 - Salvador/BA
Fones: (55-11) 3235 9020 e 3235 0088
ebp@ebp.org.br - www.ebp.org.br